

Novos imigrantes em Caxias do Sul (RS): identidade e história oral¹

Assis Felipe Menin²

Resumo: Este artigo trabalha a história oral entre imigrantes haitianos e senegaleses na cidade gaúcha de Caxias do Sul (RS). Esses imigrantes relatam experiências, decepções, afetos e esperanças em relação à cidade. O passado provoca um choque nesse *continuum* entre os diferentes momentos do tempo, ou ainda, no conceito de “entre - lugar” com o qual se procura involuntariamente esquecer o antigo, o passado *lá*, para reelaborar uma nova identidade no presente, o *aqui*, com vistas ao futuro, nem sempre encontrado. O artigo ainda busca entender imaginários *com* e *sobre* os novos imigrantes do século XXI. A investigação analisa como esses imigrantes constroem suas vidas na cidade articulando suas experiências ao procurar conquistar visibilidade e o direito de fazer da região um local de esperanças e espaço para uma vida melhor. No trabalho ficou claro o desrespeito, a xenofobia e o preconceito que persistem na sociedade brasileira.

Palavras-chave: História oral; Imigrantes; Imaginários; Preconceito; Saudade.

¹ Este artigo é parte da dissertação do autor intitulada: “Entre ‘velhos’ e novos imigrantes: Memórias e Representações em Caxias do Sul no Tempo Presente (2005 - 2016)”, sob orientação da profa. Dra. Gláucia de Oliveira Assis. Os nomes dos imigrantes haitianos e senegaleses são fictícios; a finalidade é preservá-los a identidade. As entrevistas foram realizadas entre outubro de 2015 e março de 2016.

² Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.
Email: a.f.menin@gmail.com

Abstract: This article tries to work with oral history among Haitian immigrants and Senegalese in the city of Caxias do Sul, in the state of Rio Grande do Sul. The immigrants relate the experiences, disillusionments, affections, longings and hopes that have brought them to Brazil and feel in the city of Caxias. The past, by its nature, causes a shock in this *continuum* between the different moments of time, or even the concept of “*between-places*”, with which it seeks involuntarily forget the old, the past there, to redesign a new identity in the present, in here, overlooking the future; however, not always found. The article also attempts to understand imaginaries with and about new immigrants of the XXI century. Investigates how immigrants build their lives in the city, articulating their migratory experiences when looking for conquering visibility, and the right to make the city and region, a place of hope and space for a better life. Highlights the disrespect, xenophobia and prejudice persisting in Brazilian society.

Keywords: Oral History; Immigrants; Imaginaries; Preconception; Missing.

Introdução

As imigrações, sejam elas históricas ou contemporâneas, com cada imigrado carregam memórias do que ele/ela deixou para trás: pessoas, lugares, sabores, ou seja, sua terra natal. Mas também traz imaginários sobre o país, neste caso, o Brasil.

Dentre essas memórias e imaginários, ao trabalhar com a fonte oral, o historiador se depara com várias possibilidades que esta metodologia oferece: as lembranças, as canções, a comida, os cheiros, os locais e os ambientes que a memória seletiva produz de nostálgico no imigrante, como o tempo perdido ou a saudade, a memória de uma história que ficou marcada em sua história e que faz parte de sua identidade.

Este discurso constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o presente. A identidade e os imaginários que a imigração produziu, não durante o processo migratório em si, mas depois, são tentativas de voltar ao passado, de recuar defensivamente para o “tempo perdido”. Este discurso se baseia, em grande parte, em ideais e imaginários, no sentido de Benedict Anderson (2008).

A definição de identidade aqui utilizada constrói-se a partir dos estudos de Hall, ou, melhor dizendo, das definições de Stuart Hall sobre os imigrantes em dois de seus principais livros - *Da diáspora* e *A identidade Cultural*-, respectivamente de 2003 e 2006. As identidades no mundo contemporâneo, globalizado, vão sendo construídas social e historicamente. Assim, parafraseando o autor, as identidades ou identificações na contemporaneidade são atravessadas por várias questões, que não as estabilizam, não as fixam. São construídas a partir de interpelações que nos rodeiam, como forma de nos manter no mundo ou, até mesmo, de ser aceitos. Por isso, as identidades estão em andamento e poderíamos chamá-las, no dizer de Hall (2006), de identificações. Ao pensar a diáspora haitiana e senegalesa na contemporaneidade, as identidades são recriadas em movimentos; com isso, antigas identificações deixam de ser significativas ou então se tornam mais significativas quando em contato com esse *outro* e com as diferenças.

No caso dos dois grupos aqui estudados, os senegaleses e os haitianos, sua vinda causou pânico, muito em função da mídia. As migrações em Caxias do Sul não são um caso recente. Segundo Herédia (2015), a cidade atrai e atrai um número significativo de migrantes durante vários momentos de sua história: primeiro, a grande imigração italiana; depois, com seu desenvolvimento industrial, principalmente a partir das décadas de 60, ao provocar o êxodo rural da região colonial italiana e, mais tarde, do próprio estado e dos demais estados do país (BAENINGER, 2012; UEBEL, 2015; HERÉDIA e TEDESCO, 2015; TEDESCO e MELLO, 2015).

A imigração de haitianos inicia-se em volume mais expressivo a partir de 2011, logo após o terremoto no Haiti, embora este desastre natural não possa ser indicado como fator decisivo na imigração desse povo, já que sua mobilidade diaspórica vem desde a sua independência. Segundo Handerson (2015), é um segmento desse povo, transnacional, social e historicamente, que transforma a migração em fenômeno cotidiano (PIMENTEL & COTINGUIBA, 2015). Para eles, a palavra ‘diáspora’³ faz parte de sua história e das redes dos e/imigrantes. A língua oficial é o francês; porém, o povo haitiano fala o *creole*. A principal porta de entrada para eles é a fronteira amazônica, via estados do Amazonas e Acre (MAGALHÃES, 2015; SILVA, 2015). Silva (2015) aponta outras formas de entrada no país. No início de 2011, a principal foi justamente pela fronteira amazônica.

Uebel (2015) e Tedesco (2015) mostram que, da região colonial italiana do Rio Grande do Sul (RCI) que mais recebeu migrantes haitianos, as duas cidades, Caxias do Sul e Bento Gonçalves, perfazem, juntas, 50% do total. O atrativo maior destas cidades são a indústria automotiva, a têxtil e a moveleira, ou a construção civil.

Já os imigrantes senegaleses intensificaram seu fluxo a partir de 2011, embora a mídia tenha dado um destaque maior de 2013 em diante; esses também, perfazendo a rota dos haitianos pela região amazônica. Além deste roteiro, têm recorrido à alternativa oferecida pela Europa, mais especificamente da Espanha para o Equador e, daí para o Brasil. Conforme aponta Uebel (2015), embora haja voos diretos da Espanha para o Brasil, os imigrantes não o fazem por muitos deles não terem visto, o que faria com que fossem deportados.

A escolha destes dois grupos - haitianos e senegaleses - se deve à sua maior quantidade na cidade. Em outubro de 2015, a Secretária de Saúde da Prefeitura de Caxias do Sul registrava, em seu cadastro, 1.709 imigrantes nacionais do Senegal e 1.655 nacionais do Haiti.

O imaginário de quem chega e de quem já está *ali*

Ao pesquisar estes imigrantes, interessa saber que ideia do Brasil os haitianos e senegaleses têm, ou o que imaginavam de Caxias do Sul. Interessa igualmente saber quais são os imaginários dos autóctones sobre os *outsiders*, ou que ideia se fazem do vasto

³ Sobre o uso político do termo diáspora entre o povo haitiano, ver: HANDERSON, Joseph. Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Social do Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

continente africano, mais especificamente do país de origem dos senegaleses. A história oral por eles contada é capaz de responder, ao menos em parte, a esses questionamentos sobre Caxias do Sul e sobre o próprio Brasil.

No livro *O Espetáculo das Raças*, Lilia Moritz Schwarcz (1993) apresenta a ideia que se tinha do Brasil lá fora no final do século XIX e início do século XX. Era, segundo informa, a de um país de intensa miscigenação racial, ou de uma sociedade de raças cruzadas. Muitas destas ideias partiam de intelectuais brasileiros ou estrangeiros que visitavam o país, como é o caso do antropólogo Silvio Romero, que assim o define: “Formamos um país mestiço... somos mestiços se não no sangue ao menos na alma” (ROMERO, 1888/1949 in SCWARCZ, 1993, p. 11).

Hoje, porém, como é visto o Brasil lá fora? Buscaremos aqui apresentar, através da história oral, narrativas que povoam os imaginários dos imigrantes, que falam de suas decepções, incertezas e ressentimentos por exclusão e decepção com o Brasil e os brasileiros, a partir de fofocas e intrigas criadas entre *estabelecidos* e *outsiders* (ELIAS & SCOTSON, 2000).

A partir do imaginário e da história oral entre eles, a ideia que prevalece a respeito do Brasil ainda hoje, século XXI, é a relatada no livro de Schwarcz (1993), que fala em país mestiço, alegre, que recebe bem o estrangeiro, o das novelas da *Rede Globo* de Televisão, das copas do mundo de futebol e do carnaval, ou simplesmente do ‘ouvi dizer’. Para pensar o imaginário que se constrói entre *estabelecidos* e *outsiders*, citamos Baczko, que o define como “o lugar de expressão das expectativas e aspirações populares latentes, mas também como o lugar de lutas e conflitos entre o povo dominado e as forças que o oprimem” (1985, p. 303).

O clichê - samba, carnaval e futebol - sobre o Brasil ainda está muito presente nas narrativas dos imigrantes quando pensam no Brasil, como pode ser percebido nos relatos abaixo:

Antes de vir aqui [Caxias do Sul], eu imaginava: Não, Brasil tem carnaval, samba e jogo! (Ally, 22 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Na verdade, assim como nós somos fanáticos por futebol, foi um impacto, as pessoas já têm uma ideia de Brasil, pensamos no Pelé, e outros futebolistas, e nós tínhamos essa ideia de Brasil, a partir de Ronaldo, conhecer o Brasil a partir destas pessoas e o carinho do povo brasileiro que começou lá no Haiti [com os militares] a gente tinha uma ideia. Mas conhecer mesmo é quando a gente está chegando, o que é o Brasil, como vai ser tudo e nós achávamos

que tudo era muito bom, não iríamos encontrar problemas, tudo ia ser muito legal como diz a palavra [Imigrante Evangélico da Assembleia de Deus], mas quando está aqui, na teoria tudo é diferente, porém quando está na prática é outra coisa também (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Como eu disse, antes de vir aqui a polícia falou no aeroporto: Não, Brasil tem só tem carnaval e jogo! (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Esse encanto imaginado é logo quebrado com as dificuldades que o imigrante enfrenta na chegada ao Brasil. No encontro, esse ‘outro’, tão imaginado, transforma-se em (re)sentimentos de desilusão; paisagens, costumes e encantos pelo Brasil são fraturados no contato com os imaginários dos *estabelecidos* sobre os novos imigrantes. Assim como na fictícia Winston Parva, de Norbert Elias e John Scotson (2000), as calúnias e fofocas dos locais sobre os novos imigrantes os estigmatizam, considerando-se superiores, justificando seus preconceitos:

Quando a gente chegou aqui, ouvíamos que a gente comia carne de cachorro! (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Um dia teve um amigo aqui que foi em uma empresa e disse que sabe mexer com a máquina que estava lá, e o dono disse: “Mas na África nem tem luz, como que tu sabes mexer nessa máquina?” (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Que ideia de África se fazem os imaginários dos *estabelecidos*? É interessante pensar que, ao lado do imaginário de um Brasil mestiço e que acolhe bem seus imigrantes, o imaginário sobre o continente africano é de um continente pobre, miserável, no qual as pessoas não têm onde dormir, o que comer e nem água para beber. A narrativa do imigrante expõe a visão do recém-chegado:

A visão que as pessoas têm da África é que a África tem guerra, fome e pobreza. Até estes dias estava vendo um filme dos EUA, e mostra aeroporto e tudo dos EUA e a mulher dele acompanha ele para pegar um voo e tal e quando ele está na África só vai ver ele no meio do mato, com carro andando na África. Eu disse: Ao menos tem onde descer o avião, né! As pessoas me perguntam se a África tem coca-cola e geladeira. Eu disse: “Não, lá tem suco; a gente pega e deixa no vento o vai esfriar ele” [Risos]. (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

A carga negativa sobre os novos imigrantes e sobre o continente africano é carregada de estereótipos que confundem imigrantes haitianos com africanos. Assim, parafraseando Canclini (2002), temos não apenas cidadãos imaginados pela grande mídia, mas imaginados pelos próprios cidadãos. Esses imaginários acabam representando e estigmatizando⁴ os novos imigrantes nas trocas de informações, muitas vezes definindo seu lugar na sociedade, assim como as expectativas a respeito deles.

Esses relatos explicam o pânico que se instalou na cidade de Caxias do Sul; o medo de doenças, como o ebola em 2014, alardeado em grande medida pela mídia, que nada explicou, nem que países afetava, considerando senegaleses, ganeses e haitianos como um ‘problema’. Tudo isso com foco e atenção no objetivo capital, os estereótipos, confirmando-os e tornando-os ainda mais negativos sobre os imigrantes, levando o público a aceitá-los como se tratasse de “fatos reais”:

Assis, que os ganeses chegaram, em torno de 400, eles diziam que tinham doenças que vinham com esses imigrantes, doenças que estavam erradicadas aqui no Brasil e eles trariam de novo. Aí foi quando aquela doença surgiu, como é o nome mesmo? Ebola, ebola! Meu Deus, aí nós fomos todos para um seminário e neste seminário estavam presentes cerca de 400 ganeses. Um deles começou a ficar com febre e gripe. Chamamos a Secretaria de Saúde para ir lá atender eles; nossa, parecia que estavam chegando em uma guerra nuclear, máscaras, luvas enormes, proteção dos pés à cabeça, terrível. (Denise Pêsoa (PT), Comissão dos Direitos Humanos da Prefeitura de Caxias do Sul, Entrevista ao autor).

Segundo Bhabha (1998, 277), “a ação interativa do rumor, sua circulação e contágio, liga-o ao pânico”. Assim, rumores e fofocas agem em momentos de crise social como, por exemplo, a crise econômica e política no Brasil de 2014, aliada ao elevado índice de desemprego, ao preconceito e ao racismo. A mídia, em alguns casos nada informativa, faz dos imigrantes vítimas fáceis do delírio social.

Importa observar que, durante os relatos, os imigrantes faziam questão de falar sobre o que os autóctones espalhavam (espalham) sobre eles (boatos, fofocas). É por isso que se requer que a história oral dos imigrantes recentes em Caxias do Sul seja ouvida, pois se sentiram exilados do mundo e da própria cidade. Daí a necessidade de se falar sobre o assunto. Durante o trabalho de campo, essas narrativas sempre vinham à

⁴ Utilizo aqui o conceito de estigma de Goffman (1988), que leva o indivíduo estigmatizado ao descrédito, à descrença, ao preconceito e à visão negativa dos imigrantes, ampliado pela representação negativa da imprensa.

tona entre os imigrantes senegaleses, inconformados com os boatos negativos sobre eles, interessados em passar uma impressão mais favorável. Não só eles, mas também entre os imigrantes haitianos há relatos de decepção com a opinião a seu respeito que aqui encontraram:

A decepção foi por causa de nossa cor; existe o preconceito, a xenofobia e o racismo. Ele é muito forte, nós sabemos, somos negros e não podemos virar brancos, como dizer assim: “Ah, agora somos brancos”! Somos assim, é nossa cor e temos que aceitar que somos negros e estamos aqui para crescer, estamos aqui para trabalhar. O meu objetivo é trabalhar e me dar bem mesmo e ficar fazendo toda a vida e se tiver a oportunidade de trazer a família para cá, então é melhor. O objetivo é esse, viver, trabalhar e viver bem. Estou em uma luta muito grande deste objetivo que todos nós temos, né?! (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Porque nós víamos as novelas brasileiras no Senegal e falávamos: “Não, lá é tranquilo, não tem muitos racistas, lá tem preto e tal”. Então, é pior quando a gente sofre por algumas pessoas racistas (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

De certa forma, *decepção* é a palavra que define o sentimento destes imigrantes. Poder-se-ia, porém, citar também o termo *ressentimento*, que é a emoção não correspondida, ou mesmo um sonho frustrado em suas expectativas. Enquanto a *decepção* é algo momentâneo, o *ressentimento* é algo persistente (KONSTAN, 2004).

Assim, o projeto migratório é, em certo sentido, decepcionante pelo fato de não alcançar as expectativas esperadas e, pior, sofrer injúrias raciais e não conseguir trabalho; conseqüentemente, não conseguir trazer a família e ainda imaginar o Brasil através das novelas. O *ressentimento* se mistura com a impotência das imaginações e esperanças do passado.

Nem sempre, porém, essa *decepção/ressentimento* está explícita nas falas dos imigrantes. Muitas vezes, o silêncio, ou melhor, o não dito durante os relatos em que imigrantes informaram não passar por nenhum problema, pode ser interpretado, parafraseando Pollack (1989), como um momento impróprio para tal declaração. Essa negação da violência também pode ser entendida como uma maneira de não reviver ou não reacender o *ressentimento* tão presente entre os imigrantes.

Para Pollack (1989, p. 4), “nesse caso, o silêncio tem razões bastante complexas”. O imigrante ‘esquece’ muitas coisas; outros ficam recalçados. Esses problemas podem gerar filtros, com os quais o imigrante evita expor recordações desse tipo.

Uma coisa que ele não esconde é a saudade. A saudade pode estar presente ou ausente: quando presente, pode ser sentida pela falta de algo que não pode ser experienciado e vivido. No dicionário, a palavra pode ter significados variados, como: pesar, mágoa ao ser privado de algo, lembrança, *falta de*, *perda de*, melancolia, tristeza. Os termos são um tanto simplistas e não dão conta do que *saudade* ou *falta de* possa significar para um imigrante.

Embora os estudos sobre este sentimento não tenham constituído, em geral, interesse como objeto de estudo entre os historiadores, nos últimos anos, devido, em parte, à ascensão da história transnacional, a saudade começa a despontar como tema de estudo. Entre os colegas antropólogos e sociólogos, o termo é utilizado há mais tempo. Na era da globalização e da tecnologia, o elo do imigrante recente com sua família pode ser conseguido através dos vários aplicativos:

Sinto falta de algumas comidas que aqui não tem e a gente não consegue encontrar, como especiarias e temperos. Mas também amizade com as pessoas, relacionamento com a família, embora eu mantenha contato com eles pela internet e pelo *Facebook* (Scheikh, 28 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Assim, a saudade provoca sensações, no imigrante, como saudade da mãe e da comida de *lá*, impossível de ver ou desfrutar pela distância amarga do espaço geográfico. Ao mesmo tempo, o sentimento de falta pode ser reduzido por aplicativos como o *Facebook*. Isso ajuda a família que permaneceu *lá* a saber como está o imigrante *aqui*. Estes aplicativos, e outros similares, fornecem outro dado da história transnacional que se escreve entre as migrações contemporâneas.

Estes contatos ajudam a manter os laços com a família. De fato, este não é um tipo de migração que rompe os laços, diferente das migrações do século XIX. A inovação fica evidente no contato de um imigrante senegalês, Sow, de 29 anos, com sua filha. Embora separado, mantém contato com ela através do *Facebook*. Assim, continua acompanhando o crescimento da menina através das fotos que lá são postadas. Tais aplicativos representam uma alternativa de contato com a família, de estar ‘presente’. Segundo Sow, há lugares no Senegal em que a conexão com a internet não tem sinal; o aplicativo que funciona é o *Viber*, que lhe permite entrar em contato com a família todos os dias.

Segundo Assis (1995), essas alternativas ajudam o imigrante a se sentir em ‘cena’, ou seja, a não ser esquecido, mesmo entre os imigrantes que já estão há mais tempo no Brasil, caso do senegalês Amadou, há seis anos no Brasil, o qual, antes disso tinha emigrado para a Argentina. O contato com a família é algo constante:

Sinto, nossa [risos], eu acredito que a comida de casa é a melhor coisa, a gente viveu até os 18, 19 anos lá. É uma saudade; a gente sente mais falta, vontade de comer, sabe. Então, o pessoal vai para o Senegal e posta as fotos de comidas de lá no *Facebook*, nossa! Não vejo a hora de chegar lá e comer, sinto muita falta. [Risos]. Domingo que vem a gente tem um encontro da associação e no próximo que vem temos o encontro de religião, e a prefeitura e a Câmara de Vereadores conseguiram uma casa para nós. Alugamos para fazer encontros e orações e nesses domingos sempre fazemos a nossa comida (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Além da comida ligar o imigrante à sua terra natal, além de o identificar com tempos e lugares, estabelece uma relação muito próxima entre comida e família:

Algumas comidas típicas nossas não conseguimos encontrar aqui, como as especiarias e os temperos. Mas também [falta] amizade com as pessoas, relacionamento com a família, embora eu mantenha contato com eles pela internet, Facebook (Scheikh, 28 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

A Associação Senegalesa de Caxias do Sul procura promover encontros durante um domingo por mês. Nesse dia, eles fazem a *sua* comida, apesar das dificuldades de encontrar especiarias e temperos próprios de *lá*. Esse dia é para lembrar o passado e reviver memórias e costumes do Senegal, formando uma ponte entre novas relações *aqui* e *lá*.

Assim, a comida é algo que identifica o imigrante com sua família, mesmo distante; dá-lhe um sentido de lar. Embora a comida entre os haitianos não seja tão diferente da brasileira, as práticas de consumo precisam ser reinventadas e negociadas (BRIGHTWELL, 2015) mantendo ao máximo sua identidade no dia a dia. Mesmo que o imigrante não se alimente em casa, na intimidade do lar ele procura fazer a sua comida:

A comida não é muito diferente. Eu compro no mercado e faço minha comida que eu comia lá no Haiti. Se eu estou na rua, eu como em qualquer restaurante e me sinto bem, não tem problema (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Aqui, a noção de Brightwell (2015), de “sentir-se em casa” mesmo estando “longe de casa” faz sentido pois representa o espaço em que o imigrante convive com seus sentimentos de pertença à família e de afetividade: a comida logo recria esse espaço, independente de onde esteja. No caso dos senegaleses em Caxias do Sul, os encontros para orações, os cantos religiosos e a comida os fazem lembrar-se de sua terra natal; permite-lhes driblar a saudade.

Além da comida, há outras saudades em seu cotidiano; e é no compartilhamento de experiências e na sua vivência que ele perceberá essa diferença:

De várias coisas, várias coisas, de repente das pessoas de lá, da falta da organização de lá, da educação das pessoas. (Simon, 45 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Segundo Costa (2014), é preciso que o historiador que trabalha com história oral decifre o *não dito*. Quando Simon diz sentir falta das pessoas de *lá* e da educação das pessoas de *lá*, é preciso entender por isso a frieza do caxiense e, certamente, o preconceito sofrido. Diferente dos outros imigrantes entrevistados, Simon era breve em suas respostas. Na história oral, cada resposta é ímpar e singular. Sane sente falta da esposa e dos filhos e da alegria de seu povo:

Eu sinto falta do Senegal, amigos, família; aqui o estrangeiro tem muita dificuldade. As pessoas não gostam de você, são racistas. Algumas pessoas são boas e algumas pessoas, ruins (Sane, 35 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Para o imigrante Piter, haitiano de 36 anos, professor de Letras no Haiti, o retorno é expectativa que está no seu horizonte. A desilusão, sem emprego em sua área e, conseqüentemente, sem retorno financeiro, faz aumentar a saudade e as chances de regresso:

Sinto muita falta dos meus parentes. Construir minha vida aqui é algo difícil de imaginar. (Piter, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Por conta do preconceito encontrado e pela falta de apoio do poder público, o passado se volta para o presente, e faz o imigrante pensar, além da família e amigos, em sua terra natal:

De lá eu sinto falta das festas e da liberdade. Você vai onde você quiser. Lá não tem perigo como aqui; lá não é como aqui que você caminha tarde da noite e está perigoso. Aqui se você for a uma festa, ou a um baile, você fica pensando que qualquer um pode estar com uma arma. E se eu discutir com um fulano e ele estiver com uma arma? Lá no Senegal isso não tem; é muito difícil você ver alguém armado, é muito difícil. Aqui não temos muita liberdade; lá somos unidos. Tínhamos conhecidos [para sair às festas]; não tem muito roubo; não tem muito assalto e se assaltarem, todo mundo apoia; todo mundo ajuda e aqui não. Cada um fica na sua e a gente vê que é muito diferente de lá (Amadou, 27 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Entre as várias saudades, está a liberdade que o imigrante não tem no novo país. Entre os senegaleses, a questão da união e da ajuda ao próximo é bastante citada nas entrevistas. Isso fica evidente a partir do islamismo, e do significado religioso que para eles têm a união e a ajuda. Essa rememoração entre o ‘novo’ e o ‘velho’ traduz, entre eles, a tradição da palavra, do oral, daquilo que foi dito por seus ancestrais; lembra suas histórias, a família, a infância, o saber ouvir e escutar os mais velhos, as lendas africanas ou, ainda, no dizer de Bâ (2010, p. 168), “a ligação entre o homem e a palavra”. Ainda segundo a mesma fonte, um jovem está sempre aprendendo com alguém com mais idade, pois é nele que está a ciência da vida. Assim, todo ‘velho’ na África é um conhecedor. Bâ (2010) observa que a islamização de alguns povos da África não afetou a tradição oral; muito pelo contrário, as tradições africanas foram incorporadas ao islã:

Uma vez uma pessoa aqui no Brasil me disse: Aqui no Brasil todo mundo tem 18 anos. Então todo mundo é assim, tipo não tem de *Ah eu sou mais velho, então não sei o que...*[...] Na verdade, não é só a questão da religião, mas a cultura, né, quem é mais velho você sempre tem muito respeito. Então tem que ter muito respeito com as pessoas mais velhas, é como se fosse um irmão seu mais velho, um respeito maior (Scheikh, 28 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

No relato desse imigrante, percebe-se a perda de um mundo e de um universo cultural ao qual reconhece pertencer, enquanto que estar *aqui* apenas provoca a nostalgia de um lugar distante. Assim, fica claro que o (i)migrante carrega consigo as experiências e desconfortos do deslocamento (BOSCHILIA, 2012), que é viver entre dois mundos distintos.

O sentimento é de falta (saudade) de lugares concretos de uma vida anterior à da imigração. O *lá* está sempre muito presente na vida do imigrante.

Se a distância da saudade de *lá* se opera pelo espaço físico, uma foto de uma comida de lá, através da internet e de suas redes sociais, no caso, o *Facebook*, pode tornar essa nostalgia ou essa saudade ainda maior. A internet, neste sentido, fornece aos imigrantes a possibilidade de um salto de volta para o passado, devolvendo-o ao mundo mágico da família, entre eles muito valorizada.

A comida e a nostalgia do alimento transformam-se em afetividade, em união do grupo. A comida une; assim, o imigrante, quando revive o sabor de *lá*, da sua terra, experimenta o doce sabor do retorno. Por isso, a comida é afetiva, é familiar, é horizonte de expectativa de retorno.

Trabalho, preconceito, saudades e identificações

Segundo Sayad (1998), o imigrante vira alvo de disputas políticas pelo lado mais conservador da sociedade, que vê nele um ‘invasor’. Essa visão é comum nas sociedades em geral. Estudos como os de Bhabha (1998), Elias & Scotson (2000) e Hall (2003) apresentam essa visão excludente do ‘outro’. Segundo Bauman (1995), o preconceito e o racismo se escondem por trás da defesa nacional, quando essa visão excludente não é transformada em estigma: pobres, miseráveis, desqualificados e analfabetos.

Assim, os empregos que a eles são oferecidos, além de não serem preenchidos pelos locais, representam trabalhos mal remunerados, com alto índice de desgaste físico e psicológico, como na construção civil, em frigoríficos e trabalhos que exigem alto esforço físico e mental. Muitos dos senegaleses não estavam acostumados a esse tipo de trabalho, pois em seu país eram vendedores ambulantes.

Elias e Scotson (2000) observam, em *estabelecidos e outsiders*, que o trabalho mais degradante sempre fica para o *outsider*. Durante as entrevistas, vários imigrantes relataram que foram colocados em horários de fábrica que ninguém queria, ou então em setores dos mais difíceis (de noite, em aviários), em trabalhos mais árduos (carregando cimento na construção civil), além do abuso dos empregadores de não lhes pagar férias e direitos trabalhistas. Abaixo, um imigrante relata o que viveu:

Aconteceram muitos casos, mas as pessoas não falam, pois não vão pedir demissão. A pessoa vai apresentar uma documentação que ela quer sair, mas na verdade é um problema de comunicação, que os empresários já sabem. Então, quando o papel é apresentado, a pessoa somente assina. Vários empresários

fazem isso. Chamaram os imigrantes dizendo que faltava serviço, que não tinha saída, que estava fraco e pediam para pessoa assinar, e o imigrante assinou o papel e os imigrantes achavam que estava faltando serviço e assinavam a folha [...] A vida dos imigrantes está nas mãos dos empresários, uma vez que o governo não...uma vez que já lista as duas coisa que é para conseguir o emprego; que é a carteira de trabalho e o CPF para poder andar em qualquer lugar; depois disso, então, eles entregam a vida dos imigrantes na mão dos empresários. Eles [os empresários] é que tomam a decisão e que tomam conta. Essa é uma situação bem grave que os imigrantes, principalmente os haitianos, porque vários já morreram também nos trabalhos (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Antes de emitir o CPF, o imigrante acaba trabalhando na informalidade, exposto a todo tipo de violência e violação de seus direitos. Segundo Tedesco e Herédia (2015), a questão dos abusos referentes aos trabalhos dos imigrantes em Caxias do Sul é que muitas vezes eles não têm a quem recorrer, embora, como já afirmado, a imigração crie espaços e disputas políticas, tanto da direita, que nega a imigração, quanto da esquerda, que busca recursos:

A gente aqui na Comissão de Direitos Humanos seguidamente recebe denúncias. Então nós fizemos estas cartilhas pela Comissão, onde tem um advogado que é super parceiro, que atende eles e ele fez a parte do direito trabalhista e a gente fez para auxiliá-los nessa questão do trabalho. Porque toda hora a gente recebe denúncia de que um foi demitido sem férias, sem contrato, se acidentou e aí têm aquelas coisas que são bem fáceis de ver, aos olhos, e aquelas que são subjetivas, como, por exemplo, tem um serviço ruim, mais pesado, na chuva. Nós, da Comissão, ouvimos casos em que não querem sentar ao lado da pessoa, coisas horríveis. (Denise Pêsoa - PT - Comissão dos Direitos Humanos da Prefeitura de Caxias do Sul, Entrevista ao autor).

Há uma questão da exploração dessa mão de obra, que no início foi recebida com muita euforia. Na época em que a indústria estava bem, haviam postos de trabalho em aberto, principalmente naqueles locais onde há uma exigência maior, até do ponto de vista físico mesmo, mais insalubres, e eram postos que não eram preenchidos de modo algum. E aí, quando chega essa mão de obra imigrante, ela é celebrada; era uma festa assim, as pessoas iam buscar. Algumas empresas foram buscar lá no Acre os haitianos. Trouxeram para cá, deram alojamento, deram alguns benefícios que não davam aos brasileiros, mas porque havia uma demanda, uma necessidade. E agora está bem complicado. Por causa da crise há toda uma cobrança do nacional ao dizer: “Ah, como é que tem trabalho para eles e não tem para nós?”! “Estão roubando nosso

emprego!” Mas você vê ao mesmo tempo que não estão roubando; aquele trabalho que eles estão fazendo nem mesmo em época de crise o brasileiro quer fazer: coletar lixo, trabalhar em frigorífico de madrugada (Ir. Maria do Carmo Gonçalves. Coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante de Caxias do Sul, o CAM, Entrevista ao autor).

O imigrante recente em Caxias do Sul tem, muitas vezes, mais estudo que o próprio autóctone. Em entrevistas, conversamos com imigrantes que eram estudantes de sociologia e filosofia, além de um administrador de empresas, formado em Administração e Marketing, falando três línguas, do Senegal, e um professor de Letras do Haiti. Em *A Miséria do Mundo*, Bourdieu (1997) adverte o pesquisador a não ignorar as causas da migração e a não ignorar os indivíduos e o que faziam em seu país de origem, pois esses dados não podem ser omitidos. Se forem, revelarão uma espécie de etnocentrismo de parte do pesquisador, colocando os imigrantes apenas como ‘estrangeiros’. Sheikh, imigrante senegalês que está no Brasil há quatro anos, tinha uma condição de vida razoável no Senegal. Ele chegou ao Brasil à procura de trabalho, mas não somente isso:

É, por trabalho, para conhecer, ficar um pouquinho longe da minha cidade, conhecer outros países. Mas não foi somente por trabalho, porque se fosse eu poderia ficar lá trabalhando com meu pai. Tem alguns que vêm a trabalho; outros, para estudo; outros, para somente visitar. Cada um é cada um; eu vim para trabalhar, mas não é somente isto. Vim para conhecer. (Scheikh, 28 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Minha vida lá? Não, minha vida lá era muito mais fácil que aqui. Eu trabalhava em uma loja que vende alimentação com meu pai. Depois mudei, abri meu próprio negócio e daí começou a crescer, crescer, crescer. Posteriormente alguns problemas surgiram e quando um negócio de grande porte começa a baixar ‘se vai’. E daí começou a baixar e o custo lá dos meus funcionários aumentaram. Daí eu não consegui dar conta e estava gastando muito dinheiro por mês com meus funcionários e pagar as coisas. Foi então que falei para meu irmão: agora que eu sei o que tem tudo aqui, eu vou viajar, eu vou me afastar um pouquinho, senão vou gastar todo meu dinheiro aí. Sinto falta, carro na garagem e só fazendo festas [...]. (Sow, 29 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Tanto Sheikh quanto Sow possuíam uma vida estável no Senegal e ambos decidiram migrar por vontade de conhecer outro país. É claro que o que determina o sucesso da migração é o trabalho; nestes dois casos, a migração não se deve à falta de

trabalho, mas ao propósito de saber como eram ‘as coisas’ no Brasil. Já para outros, a imigração é um meio de sair do desemprego, ou questão de sobrevivência da família. Dia é um imigrante do Senegal que estava trabalhando em Angola antes de vir para o Brasil; casado e pai de duas filhas, no Brasil há pelo menos um ano, e em Caxias do Sul há três meses:

Eu sou comerciante. Lá eu fazia isso; minha profissão é no comércio. Mas não na Mauritânia; eu vendia na Angola. Para mim não foi difícil a questão da língua, não foi um problema, mas a questão do trabalho, sim. Minha família depende de mim, e sem trabalho nunca sua vida vai ser fácil; você pode conseguir tudo, mas se não tem trabalho nada vai bem; a vida vai ser ruim. Deixei a esposa e duas filhas pequenas lá. Como vou conseguir mandar dinheiro para lá se não tem trabalho? Aqui está muito difícil. Estou lutando para ter um trabalho e as pessoas sempre a dizer que agora no início de 2016 nós vamos conseguir um trabalho. Por enquanto, estou disposto a ficar aqui e conseguir um trabalho. Se eu conseguir um bom trabalho, eu vou trazer a minha família. Se eu não conseguir, eu não posso ficar assim sem trabalho. Se eu completar um ano sem trabalho, eu tenho que voltar ou passar para o outro lado [outro país] (Dia, 35 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Dia emprestou dinheiro para poder migrar. Considera vergonha retornar ou não conseguir trazer a família. Não conseguir trabalho e enviar dinheiro é um dos fracassos do projeto migratório. O desespero e a desonra de voltar ao próprio país sem ter tido sucesso, o medo do julgamento daqueles que ficaram e nutriam expectativas quanto à aventura provocam o temor, razão pela qual acabam persistindo e tentando. No caso de Dia, parafraseando Assis (1995), retornar é mais difícil que partir. O Brasil, como país de crescimento, acabou sendo uma decepção para alguns imigrantes:

Então o Brasil abriu as portas para nós, para ver se melhora nossa vida, para ver se nossa vida futura é uma vida garantida; então ofereceram isso? Mas dizemos assim: não estavam preparados para nos receber (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Joel tinha uma expectativa em relação ao País. Como soube que aqui havia oportunidades, decidiu também partir. Como ele mesmo disse: “Só eu ficar?” O Brasil seria então um lugar de futuro, do aqui para frente. Ocorre que a respeito desse lugar somente se contam as vantagens, mas não as desvantagens. Segundo Goettert (2008),

o lugar do migrante é sempre idealizado para aquele que permaneceu, ou, no dizer de Bhabha (1998), é um local ‘além’, que implica uma distância geográfica, mas também uma expectativa de futuro e de progresso. Isto explica a decepção com o que se encontra, com a descoberta de que o que foi encontrado é muito diferente do que havia sido anunciado, e certamente não fazia parte do imaginário do imigrante. No dizer de Baczkó (1985), o que faz o homem mudar são seus ideais e imaginários.

Joel é um imigrante haitiano que, antes de migrar para o Brasil, trabalhava na República Dominicana. Antes de vir para cá, em 2013, já havia passado por outros países, o que evidencia a migração diaspórica de seu povo. A decepção, além do racismo que ele acreditava não existir no Brasil, está na falta de reconhecimento dos direitos do imigrante.

É no presente que se rememora o passado. É de um olhar do presente que se pensa o passado. Para Joel, quando ele e seus amigos chegaram, em 2013, em Caxias do Sul, a cidade não estava preparada para recebê-los:

Na verdade, algumas pessoas compraram passagem lá no Haiti. Já vêm com o visto e aí não tem dificuldade para fazer a documentação, mas quando a pessoa passa ‘indireto’ e passa primeiro pela República Dominicana, passando pelo Equador, e depois do Equador para cá, todo esse trajeto ele é pela via terrestre. Aí dificulta porque, quando chega, entra novamente o procedimento de documentação lá no Acre e aí começa o processo da documentação, carteira de trabalho e o CPF, e aí facilita para conseguir o emprego, mas a dificuldade que a gente enfrenta, a grande maioria chega sem falar a língua. Então dificulta as coisas, e a condição de viver também. Para moradia encontra problema, mesmo. Por exemplo, eu tenho colegas que moram em uma situação precária. Então, no começo tudo é difícil; por exemplo, chegando em uma casa que não é adequada para morar, mas tem que morar. A questão da saúde e da educação estava mal distribuída, digamos assim, chegando no hospital a pessoa não falava direito; então, já começa a dificultar o atendimento e esses são fatores que os imigrantes sofrem e sofrem na chegada, porque precisam de pessoas que falem [o idioma] para pode ajudar para entender os doutores, mas a maioria que estava aqui na época não sabia falar, fomos os primeiros. No meu caso, eu entendo o idioma, mas têm muitos que não entendem o português; então, seria bom que tivesse curso em vários lugares para que as pessoas pudessem entender e aprender a língua (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Taylor (1994) diz que a identidade do ‘outro’ precisa ser reconhecida, bem como seus direitos a uma identidade diferente. Se pararmos para pensar na imigração italiana,

com todos os seus percalços, ao menos esses imigrantes tinham onde ficar. Conseguiram terras ou então as pagavam com o trabalho posterior. Eram detentores de direitos. No caso das migrações contemporâneas, além de não haver lugar para ficar, muitos têm dormido nas rodoviárias e nas ruas; quando conseguiam alojamento, era precário para viver.

Ainda pensando com Taylor (1994), esse reconhecimento não precisa ser igual, e não deveria (nem deve), pois é no reconhecimento da diferença que reside a individualidade do grupo. Caso contrário, apenas se reforçaria a imagem da diferença, negativa ou inferior, em relação à dos outros.

A condição de migrante é a de alguém que sempre está em mobilidade, ou então com disposição a mudar, se e quando necessário. O migrante, por isso, pode deixar o local por necessidade, quase sempre por melhores condições de trabalho. Essa característica – a da transitoriedade, a disposição em mudar - tem como consequência a criação de redes de contatos sobre trabalho e sobre as condições de outros migrantes em outros locais. Neste sentido, a vida deles é condicionada a um futuro incerto, ao que Koselleck (2006) denomina espaço de ‘experiência’ e ‘expectativa’: de experiência, pois o imigrante não sabe se vai conseguir o objetivo inicial; de expectativa, que é a de encontrar algo melhor em outro lugar. Confirmam-no as entrevistas a seguir:

Na verdade, no Brasil, nos sentimos muito bem, não posso dizer para você que vou ficar aqui em Caxias, pois hoje falo uma coisa e amanhã falo outra. Tudo depende das coisas aqui, porque podem vir a falar para nós amanhã: “Vamos morar lá em São Paulo!”, “Vamos morar lá em Porto Alegre!”. A gente tem que pagar juro e as pessoas que trabalham comigo ficam desesperadas com o tipo de pagamento; queremos melhorar mesmo em um momento de crise. (Simon, 45 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

A vida e o futuro do imigrante também estão nas mãos dos empresários, tanto na medida da exploração da mão de obra, quanto no descaso com seus direitos, pois muitos, em razão de não conhecerem a língua portuguesa, são prejudicados. O fato de alguém ser imigrante muitas vezes o caracteriza como o que aceita qualquer condição ou, como aponta Sayad (1998), o situa em uma posição de provisoriedade, sempre em busca do melhor, com disposição a partir se assim precisar. Joel, imigrante haitiano, tinha o objetivo de trazer a esposa e os filhos para o Brasil. Segundo Handerson (2015), o imigrante haitiano se encontra em condição de diáspora; por isso, ele somente faz sucesso quando consegue os bens materiais ou simbólicos que a imigração pode proporcionar:

A ideia é juntar dinheiro, pouco a pouco, durante dois anos, um ano, e trazer a família. Comemos menos para poder alcançar essa meta; gastamos menos para poder trazer. E a maioria trabalha seis meses e às vezes os empresários mandam embora e acabam com o sonho. Aqui em Caxias é muito forte isso. Não, na verdade entrou pouco dinheiro depois que eu cheguei ao Brasil, e para mandar para lá fica difícil, entendeu? A intenção era mandar dinheiro, mas muitas vezes se consegue um mês e depois não se consegue mais; tem que pagar água, tem que pagar aluguel e as pessoas que conseguiram, na verdade, são poucas.

Eu onde estou morando, estou pagando quinhentos reais e pouco e ainda essa crise! Eu fico me perguntado se é bom ficar pagando sempre, e às vezes não consigo até para pagar o aluguel. É difícil pagar aluguel, comer e tudo; às vezes, o cara tem que... (pausa) No começo sempre é difícil, mesmo quem tem tempo; mas o salário não está suficiente para pagar todas essas despesas e mandar dinheiro. Só vou sobreviver enquanto dá. Mas tem gente pior do que eu: tem pessoas que pagam 400 reais; e se a pessoa não está trabalhando? Como vai ficar essa situação? Fica pior, né? (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

O futuro do imigrante é sempre de um horizonte de expectativas. No caso dos imigrantes haitianos e senegaleses, oriundos de uma diáspora histórica, o trabalho é algo que impulsiona para outros espaços, pois a sua ‘sobrevivência’ depende do trabalho e do salário, bem como da realização do sonho que o impulsionou antes de partir:

Voltar! Voltar vai ser difícil agora, mas já fui duas vezes visitar minha família. Mas eu acostumei com o Brasil. Está crescendo. Às vezes eu fico pensando o que eu vou investir lá. Com certeza mesmo, a gente está não pensando em voltar; vai ter alguma coisa lá. Talvez faça um comércio ou alguma coisa assim, para deixar reservado. Porque nós sabemos que não somos daqui e qualquer coisa pode acontecer. Nós temos saúde, por isso que ficamos; e se ficarmos doente, queremos ficar perto de nossa família. Sempre estamos pensando: “deixa alguma coisa reservado lá”. No momento, estamos com saúde e com força e estamos lutando para crescer. Mas a gente pensa: se ficar doente, volta para a família. E depois a gente vai para a África e sente falta daqui; parece não somos mais de lá, somos daqui (Amadou, 27 anos, imigrante Senegalês, Entrevista ao autor).

O retorno à terra natal nem sempre atende ao que o migrante espera. Ele já não se sente mais pertencente àquele lugar. Conforme Homi Bhabha, estabelece-se um ‘entre-lugar’, ou seja, “não pertencço mais a esta comunidade ou não me identifico mais com

ela”. Esse imigrante, porém, mesmo que não seja reconhecido na sociedade em que vive, cria laços sociais e de identificação com o país onde está; assim, ele não é de um lugar nem de outro.

Caxias do Sul é uma cidade na qual predominam narrativas sobre identidade italiana; entretanto, há outra identidade, a negociada, que é a do imigrante que chega do Rio Grande do Sul: a do gaúcho. O dialeto constitui uma das características de sua identidade. Durante a pesquisa de campo percebemos que tanto haitianos quanto senegaleses, ao se expressarem, utilizavam termos ou dialetos de ‘gaúcho’. Em cada frase, em que as interjeições evocavam um sentimento de emoção ou concordância, saía um sonoro “bah”. Na cultura da diáspora, o imigrante é aquele que consegue se adaptar aos códigos da nova sociedade, mesmo que esse imigrante, no dizer de Maciel (2004), não seja jamais um ‘autêntico gaúcho’, mas o que reproduz determinados usos e maneiras de falar próprios do ‘viver o gaúcho’. Neste sentido, tomar chimarrão é uma maneira de pertencer àquele grupo ou criar novas identidades de pertencimento (HALL, 2003). Sow, imigrante senegalês, o faz à sua maneira:

Sim, comecei a falar [risos] o “bah” do gaúcho, comecei a tomar chimarrão também. Tem uma vizinha minha que faz sempre. Quando ela faz, ela grita: “Sow, vem tomar chimarrão!”. Bah, “Tá louco”, esse negócio tem um gosto muito ruim (Sow, 29 anos, imigrante senegalês, Entrevista ao autor).

Sow, senegalês, e Joel, haitiano, não gostaram, a princípio, do chimarrão, mas tomam a bebida para se ‘integrar’ ao grupo e criar laços sociais com os ‘estabelecidos’. Estão constantemente negociando suas identidades numa tentativa de se fazerem aceitar, de serem reconhecidos. De acordo com o pensamento de Hall (2003, 2006), a identidade do imigrante é construída a partir de situações de dominação e de jogos de poder cotidianamente vivenciados e experimentados, como tomar chimarrão. Por exemplo, no trecho abaixo, Joel fala sobre essa preocupação:

No começo não, mas depois acostumei. Tomava um pouco hoje, outro depois e, provando, fui gostando. Nós acabamos entrando na cultura gaúcha. É uma coisa que é muito importante, não queremos ser diferentes das pessoas. Queremos que eles sintam que nós somos iguais, mesmo que nós sabemos que existe como preconceito. Queremos participar, queremos falar, não podemos ficar presos àquela ideia apenas do racismo e de não vencer, mas muitos têm medo porque não sabem falar e que têm esse problema e passando informação: se estamos aqui, temos que estar integrados junto à comunidade, e não pensem

que eles são melhores do que nós. Não queremos ficar com essa ideia e com essa mentalidade, que eles são melhores do que nós. Somos um povo e temos diferentes culturas, somos seres humanos e temos direitos iguais como todos (Joel, 34 anos, imigrante haitiano, Entrevista ao autor).

Joel distingue *diferença* de *aceitação* ao afirmar: primeiro ‘não queremos ser diferentes’; e ao concluir: ‘Temos diferenças culturais [...] e temos direitos iguais’. É interessante perguntar, com Taylor (1994) e Boaventura dos Santos (1997), sobre as diferenças e o ‘outro’: como ser iguais se a igualdade descaracteriza os imigrantes? Como faz a imprensa ao colocar todos no mesmo ‘saco’? Como ser diferente quando a diferença inferioriza? Joel conseguiu colocar este dilema no trecho acima transcrito. Na esteira de Bhabha (1998), o ‘entre-lugar’ em que o imigrante se situa e faz com que ele se adapte às mais diferentes situações para fazer ‘parte’ da nova sociedade, até mesmo “querendo” ‘ser como eles’, explica o silenciamento do imigrante na sociedade racista, fazendo com que o ‘estranho se torne familiar’ (BHABHA, 1998, 233).

Uma reflexão final

As narrativas dos imigrantes recentes mostram que a visão do Brasil como país acolhedor, que recebe de braços abertos o imigrante, é parte de uma representação que nem sempre corresponde às vivências dos imigrantes, os quais, embora acolhidos por entidades pastorais e grupos de apoio a migrantes, não sentem o mesmo que a população em geral. Todos os entrevistados relataram haver sentido na pele preconceitos e discriminações nunca antes sentidos. Os imaginários ou projetos migratórios dos imigrantes do século XIX e os dos imigrantes do século XXI são os mesmos. Quem migra, migra para mudar, para ter outra vida, pela expectativa das possibilidades que seu país não lhe deu. Este trabalho tentou mostrar que os sonhos continuam os mesmos. Mostrou, igualmente, ser difícil desconstruir os preconceitos.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

ASSIS, Gláucia de Oliveira (1995). *Estar aqui... estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. 1995. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, SC.

BÂ, Amadou Hampatê (2010). *A tradição viva*. in. História geral da África. Editor Joseph Ki-Zerbo – Brasília, Unesco, v. 1, p. 167-212.

BACZKO, Bronislaw (1985). *A imaginação social*. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

BAENINGER, Rosana (Org.) (2012). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas, NEPO/UNICAMP/UNFPA.

BAUMAN, Zygmunt (1995). *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

BHABHA, Homi K (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed.UFMG.

BOSCHILIA, Roseli T (2012). Memória e subjetividade em relatos de imigrantes portugueses”. In: LAVERDI, R. et. al. (Org.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife/Florianópolis: Ed. Universitária da UFPE/ Ed. da UFSC.

BOURDIEU, Pierre (1997). *A miséria do mundo*. Petrópolis/RJ: Vozes.

BRIGHTEWELL, das G. Maria (2015). *Sentir-se em casa longe de casa: a comida no cotidiano de migrantes brasileiros em Londres*. TESSITURAS: Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas-RS. v. 3, n. 2, p. 60.

CANCLINI, Néstor García (2002). *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Opinião Pública, v. 8, n. 1, p. 40-53.

CONTIGUIBA, Geraldo Castro, PIMENTEL, Marília Lima (2015). *Deslocamento populacional contemporâneo, língua e história: uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil*. In. *Imigração e Imigrantes: Uma coletânea interdisciplinar*. Salvador, Editora Pontocom.

COSTA, Cléria Botelho da (2014). *A escuta do outro: os dilemas da interpretação*. Revista de História Oral. Rio de Janeiro: v.17, n.2. p. 47 – 67.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.

GOETTERT, Jones. D (2008). *O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. Dourados, MS: Editora da UFGD.

GOFFMAN, Erving (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*.

São Paulo: Editora LCT, 4ª Ed.

HALL, Stuart et al (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Brasília/DF Unesco UFMG; Brasília.

_____ (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

HANDERSON, Joseph. *Diáspora* (2015). Sentidos sociais e mobilidades haitianas. Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 43, n. 21, jan-jun.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merloti (2015). *O lugar do imigrante nos espaços de trabalho em Caxias do Sul: O caso dos senegaleses*. In: Migrações Internacionais.

HERÉDIA Vania (Org). Caxias do Sul: Belas-Letras.

KONSTAN, David (2004). Ressentimento – História de uma emoção. In. BRESCIANI, Stela & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp.

KOSELLECK, Reinhart (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto.

MACIEL, Maria Eunice (2004). Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In. BRESCIANI, S.; NAXARA, M. *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, p. 239-267.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires (2014). *O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – SC*. Revista PerCursos. Florianópolis, v. 15, n.28, p. 223 – 256. jan./jun.

POLLAK, Michael (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15.

SANTOS, Boaventura de Souza (1997). *Uma concepção multicultural de direitos humanos*. São Paulo. Revista: Lua nova, v. 39, p. 105-124.

SAYAD, Abdelmalek (1998). *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (1993). *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Sidney Antônio da (2015). *A Amazônia nas rotas das migrações: o caso dos haitianos e os desafios às políticas públicas*. Revista Territórios e Fronteira, Cuiabá, v. 8, n. 2, jul-dez.

TAYLOR, Charles (1994). *La política Delreconocimiento*. Ch. Taylor, El multiculturalismo y la “política delreconocimiento”. México: Fondo de Cultura Económica.

TEDESCO, João Carlos, HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (2015) *O lugar do imigrante nos espaços de trabalho em Caxias do Sul: O caso dos senegaleses*. In: Migrações internacionais. HERÉDIA, Vania (Org.). Caxias do Sul-RS: Belas-Letras.

_____. MELLO, Pedro Alcides Trindade (2015). *Senegaleses no Centro-Norte do Rio Grande do Sul: Imigração Laboral e Dinâmica Social*. Porto Alegre: Letra e Vida.

UEBEL, Roberto Rodolfo (2015). *Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul neste início do século XXI: Redes, Atores e Cenários da imigração haitiana e senegalesa*. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFRGS.